



ENTRE AINDA E JÁ: QUANDO VALÉRIA VIROU LUARA

Between still and now: when Valéria became Luara

Natalia Negretti

Doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp (Área de Estudos de Gênero)¹

Email: natalia_negretti@yahoo.com.br

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 374-381, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

¹ Sob orientação de Isadora Lins França. Agência de financiamento: CAPES.

RESUMO:

A contar do termo *pegada* como referência a modo de andadura e vestígio de passos proponho, nesse texto, debruçar-me na notícia de falecimento de uma interlocutora de uma pesquisa, com foco na emergência da ‘pessoa idosa em situação de rua’ como sujeito político em São Paulo, que residia em um centro de acolhida. Ao aproximar-me de uma discussão em torno de emoções e juntar-me a um não deter em separado e não censurar uma parte do que Florence Weber (2009) chamou de *diário íntimo*, a partir dos afetos, busco refletir sobre as questões: como homenagear quem tem anonimato; diferença entre visitar e morar em instituições; relação entre subjetividades e processos de nomeação de interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE:

Afetos. Anonimato. Luto. Homenagem

ABSTRACT:

Based on the term *footprint* as a reference to gait mode and trace of steps, I propose, in this text, to focus on the news of the death of a research interlocutor, focusing on the emergence of the ‘elderly person on the street’ as a politician subject in São Paulo, who resided in a shelter. As I approach a discussion around emotions and join with not detaining separately and censoring a part of what Florence Weber (2009) called an *intimate diary*, based on affections, I try to reflect on the issues: of how to honor who has anonymity; difference between visiting and living in institutions and the relationship between subjectivities and processes for appointing interlocutors.

KEYWORDS:

Affections. Anonymity. Mourning. Homage



Pegadas
Em breve vou para selvas de fumaça e concreto
Vou andar pelas ruas de cidades hostis
meu nome soará como outro nome
meu rosto parecerá outro rosto
Então aqui esta tarde
é assim que eu quero ficar
vendo de cima meu bando de vulcões azuis [...]

Gioconda Belli¹



Foto: Natalia Negretti, abril de 2020.

¹ Disponível em espanhol no livro Colección Antológica de Poesía Social da Biblioteca Omegalfa <<https://libroschorcha.wordpress.com/2018/02/17/coleccion-antologica-de-poesia-social-vol-55-gioconda-belli/>> Acesso em: 20 Maio 2020.

A contar do termo *pegada* como referência a modo de andadura e vestígio de passos proponho, nesse texto, debruçar-me na notícia de falecimento de uma interlocutora de uma pesquisa, com foco na emergência da ‘pessoa idosa em situação de rua’ como sujeito político em São Paulo, que se propõe a analisar trajetórias, trânsitos e instituições. Conforme as distintas direções desse vinco recente e ainda a dificuldade de organizá-lo, detenho-me, parafraseando um termo da fisioterapia, a uma dupla-tarefa. Na primeira, busco apresentar o contexto e como soube do ‘vir a falecer’ uma pessoa querida, e, no que esta reflete, para então me concentrar na segunda: trazer pontos de flexão entre morte, vida, emoções e interlocução de pesquisa.

No cenário de covid-19, saber da condição de meus interlocutores, todos anunciados desde o início como grupo de risco pela perspectiva etária, traria novos elementos à noção de imprevisibilidades. Parte da situação que estes idosos estavam vivendo se referia também a uma transformação abrupta de convívio: um espaço que conformava uma convivência coletiva era transformado em confinamento coletivo. Se este cenário irrompeu o tom de uma angústia não prevista em qualquer projeto de pesquisa, na minha também acirrou receios anteriores no que refere a existências durante os quatro anos de interlocução.

Dar e receber recados de residentes de centros de acolhida, observados o fator de desigualdade econômica (muitos não têm, há anos, telefone celular, acesso à internet, créditos para chamadas) e de dinâmicas da instituição em que residem eram questões conhecidas anteriormente à pandemia. Se a preocupação sobre “*como está*” se emaranhava aos receios não desconhecidos, um novo medo se anunciava, sensação que ainda não havia deixado *pegada* em solo tão incerto. Era a covid que me impelia à procura de pessoas queridas; “*estar bem*” podia significar não estar com o vírus. Entretanto, foi a morte de Valéria, moradora da Guarida Aurora, lugar-chave (FRANÇA, 2010) da pesquisa e centro de acolhida primordial em que desenrolei o campo, que trouxe um momento de encontro para a percepção de que “*como está*”, “*se está*” e “*estar bem*” ainda se misturam nesse período. É sob o efeito desta notícia que o ensaio aqui proposto se refere a um exercício como etapa de um processo. Aproximar-me de uma discussão em torno de emoções, neste caso, junta-me a um não deter em separado e não censurar uma parte do que Florence Weber (2009)



chamou de *diário íntimo*².

Na penúltima semana de abril, apenas Salgueiro, interlocutor de pesquisa, tinha celular e há um certo tempo não atendia. Ao entrar em contato com a gerência da Guarida Aurora perguntei por ele e Valéria. Cíntia, a gerente, disse que um morador, colega de quarto, havia morrido por covid-19; por isso, Salgueiro estava em isolamento. O falecido era Omer, próximo de outra interlocutora, Valquíria, que fora a responsável pelo o que eu sabia sobre aquele, a partir da relação de afeto de ambos.

Soube que Valéria estava bem; como não tinha aparelho telefônico, combinamos uma videochamada pelo celular de outrem (Cíntia). Passadas algumas horas, Salgueiro me retornou e conversamos; ao perceber o tom da minha voz perguntou se eu estava chorando. Foi difícil mentir. Expliquei minha tristeza pela partida de Omer e situação e meu alívio por ele estar bem. Falamos do que fazer quando o isolamento acabasse. Passados seis dias sem receber mensagem no WhatsApp para fazer a videochamada com Valéria, retornei para Cíntia. Por mensagem de texto, ela escreveu, em 29 de abril, que não tinha boas notícias: Valéria não apresentava sintomas para covid-19, mas um quadro hipertensivo muito grave – que a levou à morte um dia antes. Naquela ocasião, a maneira que encontrei de me despedir foi na feitura de um desenho que, sem saber os porquês, resultou num híbrido de lua com os olhos de Valéria; a partir desse momento decidi mudar seu pseudônimo para Luara.

Foi neste período em que eu pisei em uma certeza, cuja compreensão era mais nociva que os receios anteriores, experimentados durante esses anos. O primeiro tratamento médico³, o conhecimento das medicações que tomavam, encontrá-los no momento em que chegavam do posto de saúde, visitas em hospital, transferências para outros equipamentos públicos, a gestão da medicação e a polêmica entre funcionários, os papéis de exames na mesa de Clússia - psicóloga na Guarida Aurora durante todo o período da pesquisa de campo - e notícias de falecimentos de outros moradores com os quais não tinha contato compunham um trajeto de interação com

² Para a autora, os materiais íntimos subsistem como não publicáveis numa autoanálise incompleta: “O que eu denominei até aqui de “diário íntimo” nada mais é, em realidade, que um resíduo não trabalhado” (WEBER, 2009, p. 167).

³ O primeiro tratamento e transferência de instituição acompanhados por motivos de saúde foram os de Amarílis.



saúde, doença e morte. Trajeto este que refletia temas do campo de pesquisa e que construía, além de receios, uma sorte de emoções. Ao cruzar com um evento de finitude da vida que me fora próxima, provei pisar realmente num desânimo específico: o medo acompanhado de outros sentimentos sobre os quais, em processo, não há como comunicar aqui.

Pelas poucas informações que consegui até o momento, Valéria não faleceu por coronavírus. Apenas ao reler - depois de um tempo - a mensagem de texto é que percebi a escrita exata sobre não apresentar sintomas. Durante esse período, minha impressão era a de que Valéria não os teve, mas com a pressão alta não teria resistido à covid-19. Isso também demonstra ignorância que tinha quanto à doença. Somente com a última informação advinda de Davi, psicólogo atual da Guarida Aurora, de que o exame havia dado negativo para covid-19, é que reli a mensagem e então li realmente que a partida de Valéria - e a chegada de Luara - fora por outros fatores em seu organismo, ainda procurados. Qual foi a causa do falecimento, bem como para qual cemitério ela foi levada; se sua filha, que não mora no país, soube sobre sua morte são as questões que povoam minha mente e sobre as quais procuro ter informação.

Ocultar informação, entretanto, também marcou a relação com Salgueiro neste período. Questão que se conecta a uma fala dele antes de saber sobre a partida da *mãezona*, como ele chamava Luara (desconfio que ele a chamasse assim, porque Luara trabalhava há muitos anos como voluntária em atividades para crianças e adolescentes) e antes de saber que eu já tinha conhecimento daquela partida. Quando falamos após alguns dias do fim de seu isolamento no quarto, perguntou se eu estava chorando de novo e brincou: ‘pesquisadora não pode chorar’. Essa frase e ‘você não tá chorando, né?’ são frases que fazem recordar momentos infelizes durante a pesquisa melhor disfarçados e não em momentos compartilhados em termos de perdas de vidas: isso, embora temido, é novo. Não contei a ele porque me constrangia ter já chorado durante a notícia sobre seu isolamento e partida de Omer; conversar sobre Luara com Salgueiro só foi possível depois que ele me contou.

Creio que aqui se tratam de sensações que se misturam às reflexões anteriores, mas renovadas, sobre a diferença entre conhecer e viver. O meu sentimento frente a Luara é um, o de Salgueiro, outro. Acredito que alguns fatores tenham fo-



mentado a decisão de não contar a ele sobre aquela querida a nós dois e não dividir, por uma segunda vez, a minha tristeza: o fato de ele ter perdido um amigo anteriormente e ter saído há pouco do isolamento, dinâmica na instituição no que refere a evitar pânico entre os moradores e constrangimento de relações de desigualdade entre nós - diferença entre visitar e morar.

A conversa posterior que tive com Salgueiro e a dificuldade de conversar sobre morte durante esse período, com exceção de Clússia, para quem liguei no dia que recebi a notícia, faz-me pensar em algumas questões: que pesquisas realizadas em instituições e entre pessoas que se conhecem há anos trazem a possibilidade de afetos comuns, entre nossos interlocutores, como os de Salgueiro e os meus por Luara - sem deixar de observar, dialeticamente, as desigualdades que nos atravessam. Essa foi mais uma pegada de Luara em meio à encruzilhada de nossas trajetórias.

O fato de não poder dizer o nome verdadeiro de Valéria - e de nos afetos subjetivados a partir de sua morte transformá-la em Luara - sugere ainda outra ambiguidade: como homenagear quem tem anonimato? Redonda e que flutua, como no desenho feito por mim quando de sua passagem, Luara derrama mais perguntas do que certezas na imensidão de uma noite que a pesquisa jamais iluminará.

Luara se trata desse exercício, desse início de marcha. Se naquele 29 de abril, quando soube que Valéria tinha partido, Luara me ensinou outros modos de me despedir, no “não homenageá-la” nos termos até então conhecidos e como eu gostaria.

A nomeação nessa pesquisa como processos de subjetivação dos meus afetos ficou mais evidente com a derradeira pegada de Luara. Desde 2016, interlocutores me ensinam sobre dimensões de vidas e mortes no que se refere às capacidades e criação. Os codinomes são possibilidades de atribuição de sentidos ao que não podemos nomear em aspectos formais. Nesse campo de pesquisa e interlocuções uma miríade de pluralidades esclarece que, frente à tristeza dos singulares de morte e de vida, a transformação é inevitável.

A forma de homenagear esta interlocutora - a quem deixei anônima - é a feitura deste texto, em que, por força da prática antropológica, sussurrei seu verdadeiro e lindo nome apenas no silêncio dos pensamentos.



REFERÊNCIAS

FRANÇA, Isadora. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo**. Tese de doutorado. Programa de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Maio 2020.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 20/07/2020

